

FERNANDO DE NORONHA



MAS PODE CHAMAR DE PARAÍSO!

Texto: Francisco José Starling,
Equipe Mundo Pesca

Fotos: Ariadne de Souza Birchal

Os amigos pescadores que ainda não tiveram o prazer de conhecer a maior ilha do Arquipélago de Fernando de Noronha, certamente, após esta leitura, ficarão com o desejo afluído. Afinal, ela parece mesmo uma “Ilha da Fantasia”, com parâmetros rigorosos de controle e fiscalização destinados a perpetuar suas qualidades de Éden. Como os atributos de Noronha são muitos, o presente artigo será dividido em duas partes: a primeira abordando a pescaria no seu “Mar de Fora”, e a segunda, destacando os passeios e opções de ecoturismo, que divertem e fascinam todo tipo de turistas que até lá se aventuram.

Sobre o arquipélago de Fernando de Noronha/PE, antes de mais nada, cumpre ressaltar que em 1988 foi criado o Parnamar/FN (Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha) que tem por objetivos precípuos a proteção e preservação dos recursos naturais (fauna, flora e ecossistemas marinhos e terrestres). Além do parque propriamente dito, ainda existe no arquipélago uma APA (Área de Proteção Ambiental), ambos administrados/geridos e fiscalizados pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade).

Assim, a atividade de pesca oceânica praticada na ilha obedece a rígidas normas, executada somente fora dos limites do Parque Marinho. Há que se ressaltar também que em Noronha o mar é “dividido”, isto é, a face protegida da ilha (com baías, enseadas, mar calmo e águas com temperatura mais alta, de tonalidades que variam do verde ao azul turquesa) é denominada Mar de Dentro; já a face da ilha exposta aos rigores do oceano e mar encapelado (com fortes ondas, temperatura mais baixa e um azul profundo) é chamado pelos ilhéus de Mar de Fora.

A pesca oceânica em Noronha ocorre no Mar de Fora, fora dos limites do Parnamar/FN, normalmente acompanhando o talude (Plataforma Continental), onde existem uma série de bancos oceânicos rasos (profundidades entre 50 e 350m) despencando para abismos de 4.000 a 5.000 metros. Nesta variação brusca de profundidade, a quantidade de espécies que podem ser fisgadas é enorme, tanto peixes que atacam próximos à superfície quanto aqueles que se alimentam em maiores profundidades.

A pesca inicia-se na modalidade de corrico oceânico, com carretilhas manuais (iscas naturais como os Farnangaios, e iscas artificiais de barbela ou lulas) e, após várias passadas pelos pontos pré-demarcados no GPS, é alterada para a pesca vertical, com carretilhas elétricas e jigs ou iscas naturais (normalmente Sardinhas).

O período de pescaria normalmente é de 5 até 8 horas, dependendo do número de modalidades (corrico e/ou vertical). Os materiais de pesca podem ser levados pelos pescadores, mas também são disponibilizados pelo operador local, incluso no preço da saída.

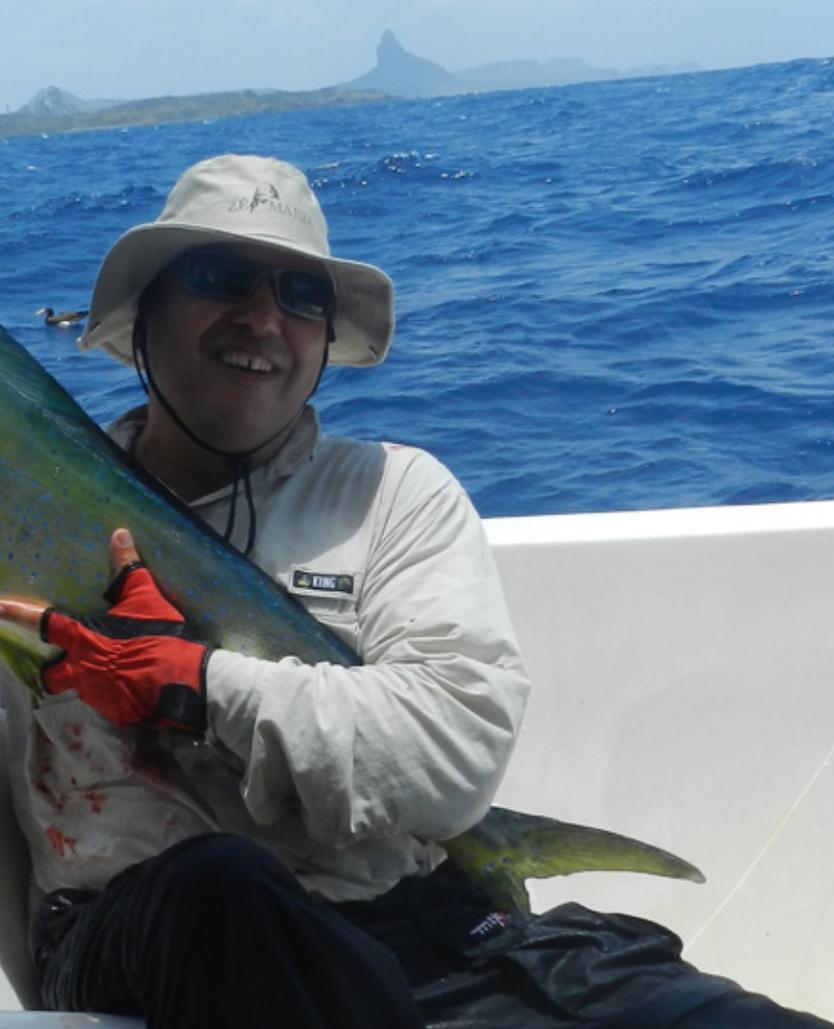
Nossa pescaria ocorreu a bordo da lancha Guinga, apropriada para a pesca em mar aberto, totalmente equipada e com um capitão e três marujos. Pois bem,



as ilhas oceânicas são sujeitas a muito vento - o que no litoral nordestino é uma constante. No caso de Fernando de Noronha, o Mar de Fora normalmente já é mais agitado e com muitas ondas, mas nesses dias especificamente, o vento constante e forte gerava grandes ondas, que atrapalhavam muito a pescaria

Este tipo de pescaria oceânica é chamado pelo Zé Maria - proprietário da pousada que leva seu nome, onde fiquei hospedado -, como “pescaria de barranco”, de onde se vê os contornos da ilha o tempo todo. Ele sabia que seria apenas minha segunda pescaria no mar e, brincalhão, olhava para mim rindo e dizia: “Vai morrer hoje mineiro.”, e eu ria junto com ele.

Após apenas alguns minutos de navegação, saímos dos limites do parque marinho, lançamos as iscas de corrico e iniciando a pescaria. Após algumas passadas nos pontos de pesca, alguns dos plugs de barbela foram substituídos por lulas artificiais de 12cm, nas cores azuis, rosa e vermelha, e logo uma das linhas sinalizava peixe. Tão logo a lancha foi acelerada (confirmando a fisgada), um lindo Dourado saltou ao longe, tomando muita linha e mergulhando para o fundo. Este primeiro foi mantido na água, próximo ao barco, visando “encachorrar” mais peixes, is-



to é, atrair o resto do cardume e evitar sua dispersão.

Assim, enquanto eu aproveitava a briga com o meu Dourado, podia ver claramente que outros Dourados passavam em seu redor, em um show de cores e movimento. O peixe, mesmo cansado, não parava de pular e tomar linha. No total, foram físgados quatro exemplares e perdidos dois, que se soltaram do anzol, todos com pesos superiores a 15kg. Depois disso, tentamos mais algumas variações de iscas no corrico, mas já nos encaminhávamos para um ponto de pesca vertical.

A profundidade no primeiro ponto era de 140 metros, e na segunda descida da isca, o primeiro Atum atacou um jig metálico (prateado e rosa), dando uma grande corrida para o fundo. Depois de muita briga foi embarcado e fotografado, pesando em torno de 10kg.

No segundo ponto, mais raso (80m), o peixe foi físgado na isca natural do Zé Maria (pescando com linhada), uma espécie localmente conhecida por Anchova (diferente da Anchova conhecida no Sudeste). Fotos feitas, passamos para outro ponto, este com 90m. Antes mesmo de registrar qualquer físgada, vimos vários Tubarões (Bico-fino ou Cabeça-de-cesto) nas proximidades do barco. Era exemplares grandes (cerca de 3 metros), que faziam aquelas sinistras silhuetas, às vezes bem ao lado do barco.

Logo minha carretilha anunciava: peixe! Começo a trabalhar com calma, mas já sabia que se tratava de um peixe pequeno. Era um Xaréu-preto com cerca de 3kg, que mesmo pequeno, brigou muito antes de posar para as fotos. Ainda físguei mais uma Guajuba linda, mas nos metros finais de recolhimento, a carretilha elétrica travou e a linha bambeou. Sorte do peixe, que escapou.

Mudamos novamente de ponto e logo um Xaréu-olhudo engatou-se, dando cabeçadas e tomando linha em infundáveis mergulhos. Foram vários Xaréus-pretos físgados tanto no jig quanto na isca natural. No último ponto, perto das 17h, após forte pancada de chuva, ainda deu tempo de físgar o único exemplar de Arabaiana da pescaria. Para quem não sabe, Arabaiana é o nome que se dá no Nordeste para o famoso Olho-de-boi (Amber jack), peixe de força titânica e que a utiliza com maestria para nadar até os recifes e cracas para romper a linha, ganhando a liberdade.

Encerramos assim a pescaria, retornando ao porto e de lá para um delicioso jantar na pousada do Zé Maria, onde apreciamos o imperdível "Alquimia do Sabor Noronha", à base de peixe Meca (Swordfish) e frutos do mar. Foi um dia mais do que especial, e nossa pescaria oceânica - de apenas um único dia - já deixava saudade.

FILOSOFIA DA ILHA

Aqui faço um parêntese para explicar que, segundo a filosofia dos moradores locais: “o que o mar lhes dá, não pode e não deve ser desperdiçado”. Dessa forma, exceto alguns poucos exemplares (e mesmo assim porque tinha combinado previamente, posto que a revista Mundo Pesca apoia e defende a prática do pesque e solte) que foram devolvidos saudáveis ao mar, os demais foram abatidos para consumo na ilha. Também vale ressaltar que no litoral de Noronha só se pesca com linha e anzol, nunca com outros artefatos (redes, arpões, etc.).



ECOTURISMO DE NORONHA

Ao sobrevoar Noronha, antes mesmo de colocar os pés na ilha, já se vislumbra uma “ponta de iceberg” de suas belezas, com suas águas cristalinas e suas formações rochosas, além do seu cartão postal, denominado “O Pico”, visível de toda a ilha. Os hóspedes de Noronha têm passeios imperdíveis, e outros não tão glamorosos e conhecidos, mas igualmente belos e interessantes. Para não me perder em elogios, faço agora um roteiro das atrações por mim apreciadas, ao longo de seis dias na ilha.

1 PRAIA DO SUESTE

No primeiro dia em Noronha, o Tuca, filho do Zé Maria, nos presenteou com um tour pela ilha, por meio da empresa da qual ele e o simpático Chiquinho são sócios, e que promove esse passeio. Na praia do Sueste fizemos nossa inscrição junto ao ICMBio, pagamos as taxas e recebemos nosso cartão magnético, com o qual tivemos ingresso nas demais praias do parque e da APA. A principal atração é a observação de peixes (Tubarões, Arraias e outros) e tartarugas, utilizando snorkel, máscara, nadadeiras

e colete salva-vidas. Para aqueles que não possuem equipamento, existe a possibilidade locação. O passeio possui paradas programadas para que os turistas possam usufruir dos locais onde os centros do ICMBio possuem infraestrutura básica, com banheiros, ducha de água doce e lanchonete. Os veículos são caminhonetes com ar-condicionado na cabine e lugares externos, tipo “safári”, onde o turista aprecia melhor as paisagens. Optei pelo assento externo e não me arrependo. Foi ótimo.

2 PRAIA DO SANCHO

“A praia mais linda do mundo”. Este título foi atribuído ao local pela pesquisa de um renomado site de viagens, que leva em consideração as praias mais bem avaliadas por turistas nos últimos 12 meses. Com grande expectativa chegamos ao local onde uma passarela nos conduz a um passeio por cenários naturais estonteantes. Tudo isso sem esquecer a observação de fauna, com aves como o Atobá, a Viuvinha – com suas penas escuras – e a Noivinha, toda de branco com seus olhos e bico negros, além de animais como lagartos Mabuia e os





Mocós - pequenos roedores silvestres que fazem lembrar porquinhos da índia grandes. A flora também tem seu destaque, incluindo a perigosa "Burra-leiteira", com sua seiva tóxica e corrosiva, e uma planta cujos espinhos tendem a penetrar cada vez mais fundo na pele, toda vez que alguém tenta retirá-los. Fomos também apresentados ao Mulungu, madeira leve e maleável, que é comum na ilha, e que durante a época em que lá funcionava uma prisão, causava muitas mortes entre os presos fugitivos, que tentavam escapar em balsas improvisadas, sem atentar ao fato de que após algum tempo dentro da água o Mulungu encharca e afunda.

Pois bem, após uma subida suave pela plataforma, à nossa frente se descortina um quadro Divino: os Dois Irmãos (dois morros lado a lado) em um dia de céu de brigadeiro, soltos em um mar azul (que ao chegar mais próximo às areias claras, muda de matiz, pelo azul turquesa e o verde esmeralda). Inspiração do criador que emociona a todos. Por melhores que sejam, as fotos são insuficientes para registrar a magnitude da paisagem. Aqueles que quiserem se banhar naquelas águas, devem antes descer por uma escada cravada em uma fenda natural da rocha. Nas rochas existentes na areia, muitos caranguejos amarelos e vermelhos, e em todos os locais aparecem os lagartos Mabuia.

3 BURACO DA RAQUEL E MUSEU DO TUBARÃO

Após um curto trajeto, já estamos novamente descendo do carro, desta vez para conhecer outra paisagem linda, bem como a história pitoresca da Raquel, que segundo consta, era filha de um administrador da ilha. Por possuir problemas mentais, às vezes Raquel conseguia fugir de casa e seguia até um buraco no rochedo à beira mar para escrever poemas, mas ninguém nunca encontrou nenhuma de suas obras escritas. Outra versão da mesma história é que a razão da Raquel se refugiar naquele sítio era fazer a alegria de soldados, presos e outros habitantes da ilha.

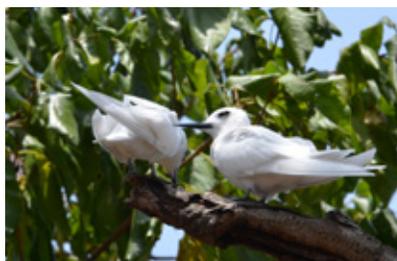
Andando um pouco, chega-se à Enseada da Caieira, situada já no Mar de Fora. Linda! Com pedras e piscinas naturais, a praia é proibida aos visitantes para preservação dos Tubarões que fazem dali o seu refúgio reprodutivo. Voltando na direção da caminhonete, encontramos várias esculturas de metal, com as quais o turista pode interagir, como um Trono de Netuno, ótimo para fotografias! Poucos metros adiante já está o Museu do Tubarão, com exposição de mandíbulas de várias espécies deste poderoso peixe, com cartazes explicativos e lojinha de lembrancinhas. Ao lado do museu, uma lanchonete vende bolinhos de tubalhou (como se fossem bolinhos de bacalhau, só que feitos de carne de tubarão).

4 BAÍA DOS PORCOS E PRAIA DA CACIMBA DO PADRE

A Baía dos Porcos - nome dado em alusão à invasão de local homônimo em Cuba - é outro colírio para os olhos. Com paisagens saídas de um sonho, rochedos titânicos encravados no mar de Netuno, de um azul sem igual. Perto dali fica a praia da Cacimba do Padre. Escondida atrás de uma curva pedregosa, esta curta praia exige que o turista fique atento ao horário da maré, pois como o caminho é muito irregular (inclusive com pedras soltas) se a maré subir, estas poderão ficar escorregadias, atrapalhando a volta. Em todas as atrações, a natureza e a beleza são presenças constantes.

5 POR DE SOL NO BOLDRÓ

O local situa-se em cima de um grande penhasco sobre a praia de mesmo nome, de onde se vislumbra no horizonte os morros Dois Irmãos. As pessoas chegam e procuram um lugar de onde possam presenciar o encerrar do dia, com um pôr-do-sol digno de reverências. Na medida que o sol vai descendo no horizonte, o penhasco vai se enchendo



de gente. Enquanto espera o espetáculo de cores, o turista pode tomar uma bebida gelada, servida em um bar próximo, ou apreciar as guloseimas locais, vendidas pelo ambulante “Gostosinho”, com seu jeito hilário e excêntrico.

6 PRAIA DA CONCEIÇÃO, PRAIA DO MEIO E PRAIA DO CACHORRO

Descendo por dentro da própria pousada do Zé Maria, chega-se a uma trilha de terra, por onde é possível acessar (20 minutos de descida suave) a Praia da Conceição, com suas areias claras e quentes e seu mar azul. A vista da praia ainda se torna mais bela pela presença da Pedra do Pião, que é larga em cima e apoiada em uma base muito menor, fazendo lembrar o brinquedo que lhe empresta o nome.

Após aproveitarmos o banho de mar e sol por algumas horas, caminhamos um curto trajeto e chegamos à Praia do Meio, que conforme o nome indica, está entre dois morros. Tem pequena extensão e não possui infraestrutura. Seguimos então à outra elevação de terreno, um pouco mais íngreme e pedregosa, mas que nos conduziu à uma ruína de fortaleza (Parque Santana), utilizada na época das invasões europeias. Um pouco além fica a Praia do Cachorro, de ondas um pouco maiores mas com barracas com venda de bebidas e alimentos a preços justos - e direito a chuveirada de água doce.

No local é comum a visualização de tartarugas, arraias e muitos peixes (pequenos e médios) próximos ao rochedo da esquerda. Na volta, por uma escada de pedras, chega-se ao Bar do Cachorro, local onde se presencia um lindo pôr-do-sol e que à noite anima os noronhenses e visitantes com forró pé-de-serra e outros ritmos musicais.

7 BAÍA DOS GOLFINHOS

Um passeio imperdível é a navegação do porto até a ponta da Sapata, voltando com parada para mergulho (snorkel) na Praia do Sancho, com direito a almoço a bordo. Nosso guia foi o amigo Eliú, altamente competente e conhecedor dos recantos e encantos da ilha, que nos levou para as ilhas secundárias (Rasa, Sela Gineta, do Meio, Rata, Cuscuz e São José), bem como a Pedra do Leão, onde um orifício no rochedo por onde as ondas penetram ocasiona um som similar a um rugido. De lá, seguimos pelo Mar de Dentro, com vista privilegiada das praias da ilha





principal, atingindo, finalmente, a Baía dos Golfinhos e a ponta da Sapata, onde o Mar de Dentro se encontra com o Mar de Fora.

Durante todo o trajeto o guia nos contou das particularidades de cada ponto e o valor histórico de cada edificação. Pouco depois de passarmos pela Ilha da Conceição, apareceu o primeiro grupo de golfinhos nadando à frente do catamarã, nos escoltando até fora de seus domínios e possibilitando muitas fotos. Pouco depois da Praia do Boldró, surgiu o segundo grupo destes inteligentes mamíferos, e dessa vez dois da espécie “rotadores” saltaram (apenas uma vez cada um) para a felicidade dos turistas.

A assim chegamos à Enseada do Portão, com uma passagem entre o Mar de Dentro e o Mar de Fora, que, dependendo do ângulo que se observe, faz lembrar o mapa do Brasil. Na ponta da Sapata, vimos também a Pedra do Urso, formação rochosa já no Mar de Fora que realmente faz lembrar o animal que lhe dá nome. Voltamos pelo mesmo itinerário até a Baía do Sancho, onde paramos para o mergulho de observação de peixes, visíveis até mesmo do próprio barco, como o Falso-voador, os Sargentinhos e os Cângulos-negros.



8 BATISMO DE MERGULHO

Esse tipo de mergulho para iniciantes é realizado nas ilhas secundárias, próximo à naufrágios, onde a vida marinha se mostra em toda a sua magnitude. É possível também contratar no barco fotos subaquáticas com equipamento profissional, para eternizar as emoções e sensações vividas pelos aventureiros. Na hora marcada os turistas são conduzidos ao barco, onde são ministrados conhecimentos teóricos de mergulho, ensinados sinais convencionais e demonstrados os procedimentos e equipamentos a utilizar. Depois, já com as roupas de neoprene e o equipamento, os turistas pulam do barco com seus instrutores e se aclimatam antes de iniciar o mergulho. Durante todo o tempo do mergulho, os instrutores/guias ficam em contato direto com os aprendizes, ou levando-os pelo braço ou tocando em seus cilindros de ar. Ao final do mergulho - que dura em média 30 minutos e é realizado a cerca de 16 metros de profundidade - o turista recebe um certificado como lembrança da aventura naquele paraíso.

9 TRILHA DO ATALAIA

Este passeio é gratuito - desde que agendado previamente no ICMBio -, abrangendo caminhada por uma trilha acidentada que conduz à parte do litoral voltada para o Mar de Fora, com ondas e águas revoltas. Todavia, ao final da trilha o objetivo é o mergulho em piscinas naturais habitadas por muitos tipos diferentes de peixes coloridos e mesmo filhotes de tubarão, que aproveitam tais locais para fugirem se seus predadores nesta idade mais vulnerável.

Mesmo sendo uma caminhada “puxada”, o cenário que se descortina é deslumbrante, principalmente no tocante à Pedra da Atalaia, um dos



cartões postais de Noronha. No local, apreciamos um ótimo almoço de churrasco à beira da piscina, oferecido pelo próprio Zé Maria, e despedimo-nos com chave-de-ouro do Éden terrestre no litoral de Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta salientar que a preservação dos ecossistemas (abrangendo flora e fauna locais) é plena, posto que o ICMBio, além de investir em educação ambiental e uso sustentável dos recursos naturais, também investe em fiscalização em pontos estratégicos, aplicando substanciais multas aos transgressores das normas ambientais, ou até mesmo proibindo-lhes um regresso à ilha (para os casos mais graves).

Quanto à pousada do Zé Maria, esta conseguiu superar as nossas mais ambiciosas expectativas de

hospedagem e serviços, contando com pessoal capacitado e sempre prestativo. Ressalto ainda que o restaurante que funciona na pousada também é reconhecido nacional e internacionalmente por seu Festival Gastronômico, realizado nas noites de quartas-feiras e Sábados. No festival são apresentados 40 pratos salgados (quentes e frios), com gastronomia regional e à base de peixes e frutos do mar, com posterior apresentação de mais 20 tipos de sobremesas diferentes, acompanhados de licores e cafezinho.

Não é à toa que é necessária muita antecedência para conseguir reservas para o evento. O nível do festival é sempre altíssimo e as vagas são limitadas. Imperdível! **IMP**

SERVIÇO

POUSADA ZÉ MARIA
(81) 3619-1258
www.pousadazemaria.com.br



POR: Francisco José Starling

DICAS MundoPesca

SEGURANÇA EM PESCARIAS SELVAGENS

ESPINHOS E FOLHAS VENENOSAS

Existem em nossas florestas e praias, plantas e árvores, cujo contato pode causar irritação na pele ou mesmo a necessidade de cirurgia para a extração de espinhos nos membros do descuidado pescador. Uma planta, em especial, é objeto de palestras aos turistas de Fernando de Noronha pois, se acidentalmente for tocada, libera espinhos que se destacam facilmente e se cravam na pele. Se não forem tocados, em pouco mais de algumas horas a própria pele se encarrega de expelí-los, mas, se o pescador tentar retirar o incômodo espinho, ele vai penetrando cada vez mais profundamente, até ser necessário um procedimento cirúrgico para sua retirada! A árvore, chamada Burra-leiteira, é outro exemplo de planta altamente perigosa, de nosso litoral e nordeste brasileiro. Sua seiva é tóxica e corrosiva e, em contato com os olhos, pode cegar por várias horas ou mesmo por dias! As feridas abertas pela sua queimadura, perduram também

por dias. Igualmente, a urtiga é uma outra planta a ser evitada. Ela causa coceiras e queimaduras em quem nela encosta. Tem também o capim navalha, que rasga a roupa de quem se aventura entre suas folhas de bordas afiadas e a aroeira ou aroeirinha, que desprende um pó de suas sementes que causam fortes coceiras, como o famigerado "pó-de-mico". Enfim, finalmente deve ser evitada a ingestão de frutas e cogumelos silvestres, sem conhecer a procedência, pois podem ser altamente venenosos e até mesmo fatais.

